

# CEGOS: COMO CONSTRUIR INDEPENDÊNCIA E AUTONOMIA

MSc.Osmar Gomes de Oliveira<sup>1</sup>  
Dr. Moady de Oliveira Braga<sup>2</sup>

Quem perde um dedo não perde a mão. Do mesmo modo, pode-se dizer que: quem perde um dos sentidos, não pode se considerar alijado do mundo sensível. E ainda existe uma máxima muito conhecida em meio ao mundo dos estudantes de Biologia e de Medicina, que diz: “[...] tudo que há no organismo humano em número de dois, funciona apenas com um”.

Acrescenta-se ainda, alguém que sofre um mal em seus membros, os inferiores, por exemplo: pernas, pés, dedos. Necessariamente não tem que ser atingido na totalidade das partes. Ora, deixando de lado o lamento, o pesar pelo reconhecimento das dores e traumas das perdas. Credo que o indivíduo atingido não esmoreça, mas lute por atenção e cuidados médicos, e tenha alguma sorte de receber os atendimentos adequados e oportunos nos pontos sofridos, ele pode então, de alguma forma razoável, atenuar danos e até evitar mutilações.

Mas, o objetivo principal desse Artigo não é abordar aspectos clínicos de deficiências. O objetivo deste, envolve o corpo sim, mas também a alma; o estado emocional; os sentimentos, os valores e princípios de modelos de vida, sobretudo, o alvo aqui é educacional. Então, para alcançá-lo, expor-se-á conhecimentos resultantes de pesquisas e experimentações didático-pedagógicas pertinentes à área da Orientação e Mobilidade como disciplina, ministrada no atendimento aos cegos, os quais são estudantes frequentadores

---

<sup>1</sup> Professor mestre em Ciência da Educação: “A importância dos sons no processo de interpretação dos cegos com seu mundo” da rede estadual de educação do Amazonas - Escola de atendimento específico inclusivo “Mayara Redman Abdel Aziz”. *E-mail:* [omar\\_oliveir@hotmail.com](mailto:omar_oliveir@hotmail.com)

<sup>2</sup> Professor doutor em Ciência da Educação da rede estadual de educação do Amazonas - Escola de atendimento específico inclusivo “Mayara Redman Abdel Aziz”. *E-mail:* [moabybraga@hotmail.com](mailto:moabybraga@hotmail.com)

da Escola de Atendimento Específico Mayara Redman Abdel Aziz em Manaus. Tais atividades fundamentam-se também em autores como Aristóteles, que foi o primeiro filósofo que se propôs a estudar, interpretar e compreender os elementos naturais ou não naturais que compõem os ambientes nos quais habitam e convivem os seres humanos através dos tempos. (COLEÇÃO SABERES, 2020).

Diga-se mais, é exatamente por se dá grande importância aos estudos antigos do referido filósofo grego, os quais atravessaram séculos embasando pesquisas de vários cientistas interessados em novos conhecimentos sobre o tema, e estes, não se tornaram obsoletos. É que esse trabalho também considerará conhecimentos empíricos, saberes populares, métodos e estratégias de atividades produtivas e até de sobrevivência de seres humanos em seus ambientes nos quais habitam há anos e sobrevivem de forma harmonizada e autônoma.

Neste referido grupo de viventes, inclui-se então, o caçador de animais silvestres, por exemplo. Estes que são antigos, porém ainda, bastantes comuns aqui no Amazonas e na Amazônia. Aliás, embora se respeite os caçadores contadores de bravatas, histórias fantasiosas nas praças, nos mercados e nas feiras populares, aqui, fala-se realmente daqueles que nascem, crescem e habitam a floresta, através da qual abrem veredas, picadas e caminhos, erguem suas moradas, como forma de mapeamento e domínio dos espaços por eles diariamente transitados, já que eles sabem o quanto a mata é densa, perigosa, cheia de armadilhas e desafios, e eles precisam conhecê-la e dominá-la, sobre pena letal de nela não sobreviverem.

Note-se que esses amazônidas habitantes dessas paragens, por analogia comparativa, assemelham-se de certa forma aos deficientes visuais. Pois, a selva a eles se impõe e os envolve como se fosse um enorme lençol verde-escuro, tirando-lhes a visão ampla e completa dos elementos que os cercam. Assim, as maneiras, os jeitos das relações deles com seus ambientes, são objetivas sem eliminar as subjetivas, já que são intrínsecas, simbióticas. Eles vivem dentro da selva e a selva vive dentro deles. Relacionam-se com componentes cujas veias de interação são seus sentidos, e estes em muitos casos nem são tão saudáveis, já que assistência médica na floresta é quase inexistente.

No entanto, eles não possuem relógio físico, mas, guiam-se perfeitamente no tempo pelo brilho e pela temperatura do sol; pelas sonoridades do canto dos pássaros; pelos ruídos e sinais de certos bichos das terras firmes e dos igapós; dos igarapés embrenhados na floresta, mas que são ligados aos lagos e aos rios, os quais recebem a regulação do mar que controla todo o planeta. Eles não dispõem de calendários escritos e desenhados com os dias, meses e anos compondo as estações, mas, mesmo assim eles sabem quando é inverno ou verão, pela ausência ou abundância das chuvas; pela aparência das árvores, pela paisagem das vegetações, principalmente das árvores frutíferas, açaí, castanha, sorva, piquiá etc...

Em suas caçadas em busca de alimentos para sobrevivência. Mesmo sob a penumbra úmida da floresta, eles identificam as embiaras pelos rastros na terra, pelo cheiro característico de cada animal; pelos vestígios deixados nas veredas e nas folhas da vegetação; então, pelo domínio de vários conhecimentos, fazem análises desses indícios, assim conseguem caracterizar e identificar o tipo específico do animal a ser caçado ou não, dependendo de seus objetivos e suas preferências alimentares, de necessidades ou gostos alimentícios. Assim sendo, sem eles virem presencialmente tais animais, seguem esses respectivos sinais e então de forma didática, racional e certa, empreendem suas caçadas para capturá-los por rastejo, por armadilhas ou por tocaias, e seus pleitos quase sempre são concretizados com sucesso.

Comportamento didático-pedagógico semelhante tem os pescadores amazônicos. Nas suas convivências com seu habitat, eles mapeiam os rios e lagos, os igarapés, os atalhos e furos para então, capturarem os peixes dos quais ele se alimentam. A construção das estratégias de domínio, dá a eles a autonomia de se locomoverem de barco ou de canoa, pescando em áreas de águas brancas ou negras, na seca ou na enchente, perscrutando os sinais, observando as características das paragens alagadas onde estão os peixes que eles desejam pescar.

Usando o olfato, eles cheiram a água para assim medir a intensidade do pitiú no líquido da área a ser pescada; observam a presença de escamas na pele das águas; ouvem o ruído do boiado dos bichos no alagado; observam o tipo de vegetação, e os tipos de frutas que das árvores caem para os peixes comerem, pois, eles quando os escamou e os tratou para sua alimentação, já

estudaram o cardápio frutífero preferido dos pescados, principalmente dos peixes nobres. Enfim, ricos de informações e munidos de utensílios pesqueiros, os pescadores interagem com os ambientes próprios para pesca e realizam cuidadosamente suas tarefas de retirarem os peixes das águas, os quais eles não os viram presencialmente, pois, todos sabem que, o jaraqui, a matrinxã, o tambaqui, são animais que vivem submersos nas águas amazônicas.

Assim sendo, é possível se depreender que, do mesmo modo como um caçador amazônico captura suas presas sem vê-las presencialmente na floresta. O mesmo faz o pescador que fisga ou prende na rede os peixes sem vê-los fisicamente, já que estes vivem mergulhados nas águas dos rios e dos lagos amazônicos! Os indivíduos cegos também podem, ao se empenharem e participarem efetivamente de oficinas didático-pedagógicas de Orientação e Mobilidade, e adquirirem, apreenderem modos, formas, jeitos, atos e ações se utilizando bem dos sentidos remanescentes.

Enfim, se ouvirem com atenção, se compreenderem, e praticarem os conhecimentos, assimilando as informações corretas, científicas ou empíricas, eles podem construir um conjunto de comportamentos, os quais agregados de forma inteligente, educada, e adequada aos bons costumes; ao cotidiano de seus familiares, terão uma boa vida social, como participação em aniversários, reuniões comunitárias. Deste modo, tornar-se-ão pessoas realmente inclusas, e assim atingirão um nível de autonomia pessoal e social satisfatório, porque construíram deveras, um estilo de vida independente, por este diminuirão certamente, as responsabilidades, os cuidados daqueles membros da família deles que em muitos casos renunciam, abdicam de suas próprias vidas para assumirem certas tarefas de apoio, as quais poderiam ser realizadas pelos próprios deficientes.

Para reforçar o dito acima, diga-se que, a disciplina Orientação e Mobilidade atualmente não está presa apenas aos aspectos físicos e motores como manuseio correto da bengala, varreduras, proteção inferior e superior, por exemplo. A referida disciplina se tornou verdadeiramente contida, humanística, já que se expandiu para as áreas da Filosofia, da Psicologia e da Sociologia. Assim, instrui, educa e convence os pacientes de que eles precisam incorporar em suas vidas cotidianas procedimentos de meditação, reflexão, por exemplo. Devem aprender a diferenciar conceitos, alguns até desconhecidos ou

confundidos como: “Estar isolado por rejeição, depressão, por vergonha” dentro de casa, não é o mesmo que está lá ouvindo uma boa música, ou ficar ligado às redes sociais, ou até em silêncio conversando consigo, isso é estado de solidude e não de solidão. Podem estar produzindo algo, compondo um poema, uma letra de uma peça musical; pode ficar tocando um instrumento melodioso. Viver consigo mesmo por opção, é muito melhor que acompanhado de maus pensamentos ou da ociosidade improdutiva. A interação com os componentes dos seus meios de convivência, evita o estar só, rejeitado, esquecido pela vida e pelo mundo!

A Orientação e Mobilidade atual se preocupa até com o andar, com o ritmo e a postura do corpo do cego; com a posição da cabeça e também do mirar. Ensina-o a localizar, interpretar as sonoridades das vozes. Nada de cabisbaixa, cabeça baixa ou para cima, como se o paciente vivesse constantemente com falta de ar. A audição capta os sons, os ruídos, os barulhos, e todas as sonoridades as quais compõem os espaços e o ambiente de cada ser.

Relembre-se aqui, de que as pessoas das cidades pequenas e médias do Amazonas e do Brasil, durante décadas conviveram com a cultura dos sons rotineiros, guiaram-se no tempo por sirenes de usinas, buzinas de pequenas fábricas; badaladas dos sinos das igrejas; campas de escolas, voz de autofalantes de comunidades, etc. A O.M. aproveita-se de todos esses saberes, e treina os cegos também para diferenciarem os ruídos e barulhos pelo timbre, se estão próximos ou distantes, se são orgânicos, naturais, internos ou externos, rurais e urbanos etc... O som de uma batida em um ferro, é muito diferente de uma batida em um plástico ou em um pedaço de madeira, por exemplo.

Aqui também, não se pode esquecer do tato. Sentido muito usado pelos cegos que se dispõem a estudar o Braille, ferramenta atualmente colocada um pouco de lado por muitos dos cegos, principalmente os mais jovens. Em o filme, “ O cego que gritava luz” (1996), tem-se uma mostra pedagógica e didática da capacidade deste maravilhoso sentido. Quando ao final da história, o personagem cego que havia lutado fisicamente com o estuprador da moça que estava na beira do Lago, identifica o culpado na Delegacia de Polícia. E ele o fez porque ouviu os gritos de socorro da vítima. E corajosamente empreendeu luta corporal com o tal criminoso, e na briga mapeou com as mãos os traços físicos do rosto do meliante, o que possibilitou sua identificação e consequente

condenação penal quando o herói reencontrou o estuproador em uma prova de toques com as mãos no rosto do criminoso, mesmo ele estando entre vários outros rapazes suspeitos do tal crime.

Deste modo, pode-se dizer que, a Orientação e Mobilidade é uma preparação para o indivíduo ter uma vida útil, independente, autônoma, feliz.

O cego ao atravessar uma rua, precisa de saberes antes trabalhados no corpo e na mente, coordenação motora, ritmo, lateralidade, freio inibitório, equilíbrio, audição aguçada, concentração, todos esses elementos unidos e harmonizados potencializam e apoiam a intuição.

O indivíduo cego precisa se constituir como pessoa, como um ser que se ainda não tem, pode certamente adquirir vivências coletivas, para compará-las e somá-las às experiências individuais. Assim sendo, cria-se caminhos para que ele construa em si mesmo uma sólida confiança pessoal, a qual servira de porta de acesso para uma vida social.

O parceiro permanente do cego é ele próprio, ele deve aprender a viver bem, tranquilo, sereno, feliz consigo. Enquanto que o vidente quando está sentindo-se incomodado com ele mesmo, por ter mobilidade, pode procurar formas coletivas de bem-estar, como: um passeio no parque; ir a um encontro de amigos; uma ida ao cinema, ao teatro etc. Enquanto que o cego para fazer o mesmo precisa saber descobrir meios, formas e jeitos próprios de fazê-lo.

As oficinas de Orientação e Mobilidade também se preocupam com a família dos cegos, já que esta é o lugar onde estão as pessoas com as quais eles mais convivem e se relacionam. Sabe-se que já há muito tempo e principalmente nos últimos anos, foram amplamente divulgadas políticas e diretrizes básicas da chamada educação inclusiva, (Conferência de Salamanca – 1994), por exemplo. Ainda assim, na família e na escola, permanecem juntos, modos, costumes e comportamentos arcaicos e estereotipados, os quais compõem a vida escolar e familiar das pessoas cegas e daquelas com vínculos de parentesco com esses deficientes.

Muitas pessoas desse público continuam tratando os cegos como alijados, coitadinhos, como pessoas incapazes de guiarem e administrarem suas próprias vidas, por isso, eles terminam se tornando um “peso” para seus familiares. O que na verdade, na maioria dos casos, tais comportamentos viciados pela rotina e pelas circunstâncias, são desnecessários.

Nessas oficinas com práticas didático-pedagógicas planejadas, frutos de experimentações, são dispostos aos pais, irmãos, cônjuges esclarecimentos oriundos das áreas da Sociologia, da Psicologia que visam desconstruir tabus, vícios de comportamentos, certos paradigmas preconceituosos, os quais ao invés de ajudarem, prejudicam as relações familiares e a convivência do cego com seus amigos e parentes.

Registre-se que nas oficinas, eleva-se a autoestima, combate-se as frustrações, as carências, e as revoltas; argumenta-se que, a perda de um órgão de um membro da família, jamais pode ser encarada como um “ castigo” para vida de todos os membros dela. Os ensinamentos vão desde a postura corporal, higiene, modos e modas de vestimentas; maneiras e modos de se alimentarem; combate diário ao isolamento, à rejeição, à vergonha da vizinhança, dos amigos, e dos próprios parentes.

Aliás, registre-se que nestas reuniões-aula, não se ignora nem se rejeita a presença fundamental das tecnologias na vida dos cegos, principalmente as assistivas, como bem disse Franco, ( 2007), ao alertar que as novas habilidades e competências também envolvem professores e alunos e seus computadores cada vez mais complexos cuja efemeridade das tecnologias são inegáveis, por isso, exigem novos aprendizados e substituições constantes para não se tornarem obsoletos.

Por fim, conclui-se com um ótimo exemplo caseiro mesmo. Registre-se como uma confirmação de muito que acima foi exposto neste Artigo. Aponta-se as trajetórias existencial e profissional de vários colegas professores e pedagogos do quadro da Escola Mayara Redman, uns com a cegueira congênita, outros com cegueira adquirida quando ainda criança, mesmo assim, não se isolaram, não se excluíram, não se derreteram pelas frustrações e revoltas. Ao contrário, eles lutaram, estudaram, aprenderam e concluíram duas graduações e até pós-graduações. E hoje, ganham seus vencimentos e ainda se realizam como profissionais efetivos e ativos no quadro funcional da Escola Mayara Redman, em Manaus-Am. Isso é verdadeiramente inclusão!

Palavras chaves: vontade, construir, autonomia, solitude.

Autores: Prof. MSc. Osmar Gomes de Oliveira

[osmar\\_oliveir@hotmail.com](mailto:osmar_oliveir@hotmail.com)

(92) 994851088

Prof. Dr. Moady de Oliveira Braga

[moadybraga@hotmail.com](mailto:moadybraga@hotmail.com)

(92) 992247465

Os autores são professores da rede estadual de educação do Amazonas – Escola de atendimento específico inclusivo Mayara Redman - Manaus.